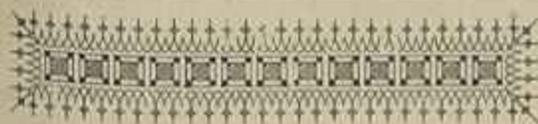


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º A entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 658	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	84800	16900	5950	5120	20 DE MARÇO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	44000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Despedida do inverno e despedidas em S. Carlos.

Segundo as prophécias, como dizem uns, segundo os calculos, como dizem outros, teremos, ou ficou desacreditado o saragocano, uma violentissima tempestade, exactamente quando duas linhas no almanach, as mais risonhas, nos annunciarem a chegada official da primavera.

No theatro de S. Carlos a Ferrani e a Darclée despediram-se dos admiradores em meio de uma troyada de applausos e um chuveiro de rosas.

E foram esses os grandes acontecimentos theatraes dos ultimos dias.

Os outros theatros pouco teem dado que falar, a não ser o de D. Amelia em que as ultimas novidades de Hespanha em zarzuela teem sido apresentadas ao publico por uma companhia de primeira ordem.

No theatro de D. Maria, depois que vá á scena a *Marcella* de Sardou, traducção da illustre escriptora sr.ª D. Guiomar Torreão, entrarão conjuntamente em ensaios o *Estatuario* de Alberto Braga e o *Regente* de Marcellino de Mesquita.

Subirá primeiramente á scena a peça de Alberto Braga, que tão discutida ha sido e que tamanha polemica levantou, tendo sobre o seu merecimento dado voto a Academia Real das Sciencias.

E' provavel que suba á scena antes de meados de abril.

Na Rua dos Condes e Trindade continuam em ensaios as revistas de Schwalbach e Sousa Bastos. Entretanto a da Avenida lá vae em excellente maré, devendo em breve realizar-se a festa dos auctores, tres rapazes sympathicos e conhecedores da platéa, que os estima e saberá provar-lh'o n'essa noite.

Uma noticia triste espalhou-se em Lisboa, culpa da leviandade d'um reporter mal informado. Segundo alguns jornaes, Salvador Marques, o actual empresario do theatro e um dos auctores da *Roda Viva*, tivera uma syncope e achava-se em perigo de vida.

Felizmente era falso o boato. O Salvadorahi anda, alegre como d'antes, cheio de vida, contando historias do seu vasto repertorio de velhas aneddotas theatraes.

Salvador Marques é um dos mais entendidos em theatros populares. Talento fino, conhecendo admiravelmente a litteratura moderna e o vastissimo repertorio francez, sabendo com o seu bom gosto discernir tudo quanto ha de artistico em qualquer composição, tendo, ha muitos annos, encetado com felicidade a carreira de empresario, é hoje seguramente de altissimo valor a sua opinião sobre o agrado provavel de qualquer peça para que seja consultado.

Extremamente sympathico, querido de todos os seus collegas e escripturados, teve agora ensejo de reconhecer o grande numero de amigos que ha conquistado na sua

longa carreira pelos finissimos dotes de seu espirito e coração.

A festa que lhe preparam no theatro decerto hão de concorrer todos os que o presam, dando-lhe n'um grande quinhão de palmas a prova de quanto desejam vel-o ainda por muitos annos dirigindo com sua reconhecida proficiencia os theatros para o povo.

Por vezes se tem falado em construir em Lisboa um grande theatro com muitos logares ba-

ratos que pudesse, attrahindo o publico, combater, com vantagem para a arte portugueza, os circos, onde o povo concorre, mais pela barateza dos logares do que por uma decidida preferencia pela natureza do espectáculo.

Ahi se poderiam representar magicas, tragedias historicas de grande encenação, dramas militares e patrioticos.

Não eram n'esse caso os assumptos que faltariam aos futuros dramaturgos portuguezes.



DR. JOSÉ SIMÕES DIAS

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

SIMÕES DIAS

AS PENINSULARES

I

E com certeza que um bom drama contando uma nossa victoria, mostrando ao vivo o heroismo, o alto valor de portuguezes, educaria mais o espectador do que tres cabriolas de palhaço ou dez arquinhos furados por uma cavallinha.

D'isso muito se tem falado, mas creio que ainda ninguem tratou.

E lindos assumptos para dramas futuros vão-se entretanto accumulando.

Quantos já não daria a moderna campanha d'Africa! Era apenas tratá-los com verdade, com amor, com patriotismo.

Abençoada especulação aquella que educar os sentimentos bons, que os souber cultivar, fazel-os florescer.

Quando tudo em Portugal parece ir decrepitando, não deveriam os artistas, em cujo coração, parece, mais deve confiar-se, unir-se para fazer, de quando em quando, uma apothose aquelles que, em meio da decadencia quasi geral, veemnos provar que alguma coisa existe ainda do que outr'ora nos fez enormes?

E nem por isso se deve deixar por muito tempo em descanso o chicote da satyra e da comedia.

Mas alguma coisa ainda temos de bom, algumas coroas ha para adornar a bandeira azul e branca, que não serão menos duradouramente vicosas que os louros do velho pendão branco que deu a volta ao mundo.

Vimos, ha dias, no atelier de Columbano o seu ultimo trabalho para a decoração das novas salas do Arsenal do Exercito.

Admiravelmente pannejada, n'um céu manso de nuvens claras, lá está a bandeira das duas côres, emquanto dois genios alados d'ella se approximam, um levando-lhe uma corôa de louros gloriosos, o outro a palma da victoria.

E a olhar para o quadro, quantos nomes nos vêm á mente!

Dois sobre todos agora: Mousinho de Albuquerque, honra do nosso exercito, e João Coutinho, a gloria da nossa marinha.

A paiz tão pequeno é milagre do Senhor caberem tantas glorias, como as que vão desde Ourique até Mupassa e Chaimite.

Nem todos podem ser heroes, mas todos teem o dever do patriotismo.

Exemplo nobilissimo nos acaba de mostrar a Grecia, e de tal ordem foi elle que entusiasmou o mundo.

Podem frios diplomatas discutir serenamente o caso; d'esta vez os ultimos na importancia para as grandes potencias foram os primeiros a sensibilizar os grandes corações.

Paiz arruinado mais do que o nosso, mais do que o nosso decadente, porque se chama a Grecia e de mais longe veem as suas tradições, ao grito que soltou correndo para uma morte quasi certa, respondeu o mundo inteiro com um brado de enthusiasmo.

Foi o grito ouvido em Portugal e, reunidos em Coimbra os estudantes, enviaram uma mensagem de sympathia aos seus irmãos de Athenas.

Damos na integra a resposta do reitor A. C. Christomanos ao da nossa Universidade:

«O senado academico da Universidade Nacional de Athenas deliberou tomar a seguinte resolução, que peço a V. Ex.^a se digne comunicar aos lentes e estudantes d'essa Universidade: A Universidade Nacional da Grecia, profundamente commovida pelos testemunhos de sympathia que tem recebido de toda a parte por occasião da luta sangrenta que se dá em Greta, pede a V. Ex.^a que seja seu interprete junto d'esses nobres corações que soffrem commosso e com os nossos irmãos. Compreendendo a immensa influencia que exercem sobre a opinião publica os sentimentos da classe academica, a Universidade de Athenas espera que as universidades de todo o mundo continuarão a dispensar-lhe o seu apoio moral em favor da causa hellenica, que é a do fraco e do opprimido reclamando para si a justiça e a liberdade! Que a mocidade europeia una a sua voz aos gritos de dôr e de indignação d'este punhado de homens, que, depois de terem soffrido, durante seculos, a oppressão dos barbaros, estão sendo bombardeados pelas nações christãs, quando elles combatem pela sua fé e pela sua independencia! Esta união da Cruz e do Crescente para metralhar christãos será o opprobrio do seculo XIX! Quanto a nós, a nossa divisa continuará a ser: *Post tenebras lux!*»

Consoladora divisa! A elles ainda os não abandonou a esperanza. Porque haveriamos nós de perdê-la, quando tanta fé ainda nos é dado ter nos nossos?

João da Camara.

As *Peninsulares* por J. Simões Dias, professor do lyceu Central de Lisboa. *O Mundo Interior* (Quarta edição) Lisboa, typographia Lucas, 93, rua do Diario de Noticias, 1896. Um volume de 128 paginas.

A 3.^a edição do *Mundo Interior*, que agora saiu de novo a lume, foi publicada, na collecção de Obras Poeticas de J. Simões Dias, pela livraria Academica de José Maria d'Almeida, editor, Vizeu, 1876 2 volumes com 500 paginas.

Eu conheço pessoalmente o auctor d'este livro; viu-o, pela primeira vez — e como isto já vae longe! — ha vinte e tantos annos. Era elle então professor, e professor distinctissimo, do lyceu de Vizeu. Nunca mais a sua personalidade se me riscou da memoria; e ainda hoje considero um dos dias mais felizes da minha vida aquelle em que me foi dado apreciar, por mim proprio, os raros dotes d'aquell' singular espirito.

Conhecera o, antes, pela leitura das suas obras em prosa e verso; porque o dr. Simões Dias, dotado de uma natureza artisticamente complexa, tem, como Garret e Pinheiro Chagas, tentado, entre nós, com mais ou menos successo, o folhetim, a novella, o conto, o romance; e em todos esses generos de litteratura tem-se revelado um prosador terso e elegante, a rivalisar com os nossos primeiros e mais esmerados escriptores.

O auctor do *Mundo Interior* é uma das figuras mais caracteristicas do nosso meio litterario.

Vendo-o e ouvindo-o, porém, comprehendia a razão por que elle actuava, como poeta, n'essa multidão anonyma chamada o povo, principalmente o povo das nossas Beiras, a ponto de assimilar-lhe os versos, vulgarizando-os em suas toadas, nos serões, nas romarias e nas sestas, levando-os de porta em porta na voz dos cegos e dos mendigos.

O seu temperamento de meridional, a sua vaga intuição artistica, e os sentimentos que vibram na sua alma de poeta foram retemperar-se no veio puro e crystallino da inspiração popular. D'ahi a identificação da obra do artista com o genio poetico portuguez. Irmãos pelo sangue e pelas tendencias do espirito, o poeta e o povo entenderam-se.

Simões Dias pertence á geração academica, que succedeu immediatamente áquella de que fez parte o grande lyrico João de Deus; terminou a sua formatura, laureada com as primeiras classificações universitarias, em 1868; e compoz a collecção das suas obras poeticas na decada de 1860 a 1870.

Em Coimbra eram ainda assaz vivas as recordações d'essas pugnas titanicas, que deram em resultado a queda dos velhos pontífices da litteratura e a creação da *escola revolucionaria*.

A mocidade exaltada seguia, pela maior parte, a derrota traçada por Anthero.

Só o genial auctor do *Campo de Flores* conservou sempre a sua individualidade á parte e achou traça de ligar o passado ao presente na corrente do lyrico nacional.

Simões Dias, por natural pendor do seu espirito, seguio na esteira do Mestre e foi o seu discípulo mais fiel e devotado. Não é um imitador servil, desenhando pelo modelo ou copiando o no conceito ou na forma. Conhecedor perfeito das bellezas da estrophe e da rima, sobe em vãos arrojados a toda a altura do seu talento poetico. A naturalidade e simplicidade dos seus versos, porém fazem, por vezes recordar algumas das composições do Mestre.

As poesias *Definição do amor*, *Recordações de um sonho*, *O teu lenço*, *Grasiello*, *A tua liga*, são, a meu vêr, as que mais fazem lembrar os versos, simples e singelos, de João de Deus.

Defeito? Não, mas qualidade, e de muito apreço; porque o auctor das *Flores do Campo*, na singularidade das suas composições, parece-me inimitavel.

Simões Dias é um poeta de primeira ordem. Lyrico, romantico, revolucionario? Pouco importa. O auctor do *Mundo Interior* não se filia em nenhuma escola. No prologo do seu livro diz elle que: «compoz a collecção das suas obras poeti-

cas, na maior parte versos amorosos e elegiacos, de character subjectivo, como aliás os faziam os menestres do tempo e hão de fazel-os sempre os poetas meridionaes, emquanto durar o bom sol da Peninsula que tão generosamente os illumina e aquece.»

Acertado juizo. A questão não é de escola; é de esthetica. As escolas passam e as obras d'Arte ficam. É a consagração do talento ou o poder do genio.

As composições poeticas de Simões Dias, além da espontaneidade, accusam rigorosa metrificacão. Os versos brotam-lhe da alma: é poeta. Depois corrige-os: é artista. Eleva-se, ás vezes, nas azas do seu estro e exalta-se a regiões de luz divina. Idealista, talvez; mas sempre poeta.

«Ser poeta, disse um grande espirito, é ir de noite, á claridade azul de um céu cravejado de saphyras e esmeraldas, haurir os perfumes que a natureza rescende ou na paragem da beira mar, ou ao pé das amphoras de uma fonte longiqua, ou nas azas da viração que se modula pelos canticos de mil rouxinões que psalmeam hymnos á Divindade».

Eis, em resumo, a orientação de Simões Dias, um lyrico, mas d'esse lyrico que foi a gloria de Camões e João de Deus, com os quaes o auctor de *As Peninsulares* tem muitas affinidades.

II

O Mundo Interior, primeira parte de *As Peninsulares*, é uma collecção de poesias, inspiradas n'este grande sentimento: o amor. «O amor unica salvacão do individuo.» «O amor! O doce e abençoado defeito dos poetas, que se perdem á simples ideia de que o mel se encontra nos labios da mulher assim como no calix das flores, e se prendem áquelles como a estas as abelhas».

O amor... e a mulher! Mas o que seria Camões sem a sua Nathercia, Petrarcha sem a sua Laura? O que seriam tantos outros poetas que, inspirados pelo amor, elevaram as suas composições á maior altura? Abençoada inspiração, que tem enriquecido de tantas obras primas os thezouros da Arte.

Os versos reunidos sob o titulo de *O Mundo Interior* obedecem todos á mesma orientação.

Na advertencia diz o auctor: «Pelo que toca ao lavor d'esta edição, a pouco se reduz o que fizemos: agrupamos todas as poesias caracterizadas pela mesma nota sentimental e subjectiva...»

Os versos, porém, são singelos e harmoniosos. Versos dos dezoito annos, ingenuos e despretenhosos como a idade que os produziu; mas versos encantadores e magníficos pelo colorido da phrase e pelos toques de suavidade e doçura, que elevam o auctor a um lyrico de primeira plana.

O lyrico de Simões Dias deriva das suas qualidades moraes.

Nas paginas d'esse livro estão condensados os sentimentos do auctor: a afeição, a veneração, a bondade. A feição predominante do poeta, porém, accentua-se n'um fundo de melancolia e de tristeza, caracteristica da poesia peninsular.

Ha estancias em que elle ou geme as suas queixas ou nos conta as suas maguas; e n'este ponto a leitura deixa, ás vezes, uma impressão amarga e dolorosa. O poeta terá soffrido? Ou preferirá a phantasia á realidade?

Eu creio que, em geral, os poetas, elevando-se nas azas da inspiração a regiões ignotas, soffrem dôres que, para nós profanos, são incompreensíveis; e é talvez d'essas crises dolorosas do espirito que brotam as poesias caracterizadas pela nota sentimental e subjectiva.

A psychologia intima resalta d'essas notas do estado da alma.

Aos dezoito annos já o poeta, invocando a sua musa, dizia (pag. 9):

«Só tu no mundo triste musa, sabes
Quanto hei soffrido e se inda agora creio
Em Deus, no amor, em ti!...»

É a confissão das suas penas, das suas crenças e da sua fé; e em seguida a poesia *Aos pés da Deusa*, em que elle nos dá a nota dominante da sua tristeza n'estas formosas estancias (pag. 12, 15 e 16):

«Senhora dos meus cuidados
Dos meus cuidados senhora
Porque não daes que passados

¹ Prologo da 3.^a edição, pag. VIII.

² Advertencia da 1.^a edição.

³ Prologo da 3.^a edição, pag. VI.

⁴ Advertencia da 4.^a edição, pag. 6.

⁵ Vieira de Castro, Biographia de Camillo, pag. 61.

⁶ Prologo da 3.^a edição, pag. VII.

⁷ J. C. Machado, Biographia de Camillo, pag. 24.

⁸ Advertencia da 4.^a edição, pag. V.

Sejam meus males agora
De ha tanto principiados?

Vêr-te eu, botão pequenino
De uma rosa perfumada,
De roldão no torvelino,
Como quem vae delongada.
Pelo mundo sem destino...

Faz pena! E tu bem podias
De qualquer modo, senhora,
Converter em alegrias
Minhas fiéis companhias!

O desconforto invade o animo do poeta que, no bello soneto *Sol entre nuvens*, já de si dizia (pag. 19):

«Barco sem leme, sem farol, sem porto
De mil contrarias ondas combatido,
Tal me tem sido a vida que hei vivido
No escuro isolamento do meu horto!»
.....
«Inda uma crença faz meu peito arfar:
E suppor que os teus olhos algum dia
Sobre estes versos meus não de chorar!»

Depois aquelle *adeu* triste e saudoso, em que ha arrancos da alma como estes (pag. 21):

«Mas que triste consolo! Adeus, comigo
Vae combatendo a sorte que me cabe!
As saudades que levo não t'as digo,
Penas que n'alma vão só Deus as sabe!»

Ainda depois, sob a rubrica *Lacrimae rerum*, aquelles tercetos sublimes, em que ha profundo desalento e uma crença profunda (pag. 50 e 51):

«Pobre de quem não tem outra ventura
A não ser uma lagrima que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!»
.....
«E eu creio firme em Deus. Na vida incerta
Que seria de nós se elle não fora
O nosso guia, a nossa estrada aberta!»

Mais além estas duas quadras, sob o titulo *Pe-dido*, de uma belleza incomparavel (pag. 88):

«Se um dia te lembrares de que vive
No céu quem já morreu por ti d'amores;
Vem desfolhar na minha campã as flôres
Que tantas para ti no mundo tive!»

Mas se acaso do tempo que passou
Nenhuma vã lembrança te ficar,
Não venhas meu sepulchro interrogar...
Deixa dormir quem já por ti velou!»

O poeta depõe por instantes a lyra aos pés da musa e chora n'esta commovedora elegia, intitulada *Dôr suprema* (pag. 91):

«Quando o levaram pequenino á cova
No seu breve caixão,
Ouviu-se na tua alcôva um grito enorme
Partiu-se um coração!»

Fecharam-se as janellas bruscamente
Estava a entardecer!
Depois cerrou-se a noite silenciosa...
Como é triste morrer!

Ao outro dia um berço abandonado
Jazia ao pé de ti!...
Na muda alcôva julga ouvir ainda
As queixas que te ouvi.»

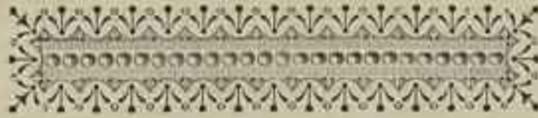
Estas estrophes, inspiradas no sentimento altruista da compaixão pela dôr alheia, dão a prova da bella alma do poeta.

A lyra, nas suas mãos, é d'ouro; e, ou cante ou chore, tem perfumes suavissimos e imagens de uma belleza encantadora.

Os versos, simples e singelos de Simões Dias, revelam a influencia do Mestre; e o *Mundo Interior*, não obstante o seu caracter subjectivo, ha de ficar como uma joia na litteratura nacional.

Tondella, 10 de janeiro de 1897.

Eduardo Duarte.



AS NOSSAS GRAVURAS

GRÃO A GRÃO

Goethe, o grande poeta germanico, ficou encantado quando deparou com a sua Carlota repartindo pão ás creancinhas que a rodeavam.

Dirigira-se a casa de Carlota. «Passei o pateo e encaminhei-me para a casa, que me pareceu elegante. Subi a escada, abri a porta, e então deparou-se-me uma deliciosa scena, como nunca vira em minha vida. Na casa, seis creancinhas entre os dois e onze annos, acercavam-se, pulando, em volta de uma gentil moça, de bom talhe, formosa. Trajava um simples vestido branco, guardado nas mangas e no decote de fitas cor de rosa. Tinha nas mãos um pão de rala e d'elle cortava fatias que repartia pelas crianças proporcionalmente á idade e ao appetite que indicavam. E com que sorriso ella repartia, e como as crianças, sofredoras, estendendo as mãosinhas, lhe agradeciam o quinhão que ella tão graciosamente lhes dava.»

Sé Goethe assim se encantou n'aquella scena em que foi deparar com Carlota, não se encantaria menos com o quadro de Wartemuller, que apresentamos aos nossos leitores, elle, o poeta da natureza, como se impressionaria ao vêr aquella outra Carlota a repartir o celloiro do inverno com as avesitas a saltitarem por sobre a neve!

Agora é inverno e as pobresitas não encontram nos gelos com que se alimentarem; se não fosse aquella mão providencial que as vem soccorrer, como poderiam ellas resistir aos rigores da estação!

Amanhã vem a primavera, os campos atapeam-se de verdura e as arvores engrinaldam-se de flores. A natureza resurge louça: o sol brilha com todo o seu esplendor e aquece a vida, e a gentil moça, que vem agora com os seus cuidados animar aquellas avesinhas, não as deixando perecer á mingoa, terá a recompensa da sua dedicação.

Amanhã vem a primavera e as avesinhas irão trinar os seus cantos nas arvores mais proximas da habitação ou no beiral do telhado. Na sua linguagem mysteriosa haverá a expressão do reconhecimento.

A protagonista d'este singelo quadro entenderá decerto quanto amor haverá n'aquelles trinados, porque os corações bons e simples entendem-se.

A RAINHA DESTHRONADA DE MADAGASCAR

Ha pouco mais de dois annos escreviamos no *Ocidente*, a proposito da guerra dos francezes em Madagascar, que nos parecia pouco solido o protectorado effectivo que a França pretendia estabelecer n'aquella ilha, e os ultimos acontecimentos vieram dar razão ás nossas palavras.

A França conseguu, effectivamente, pela força das suas armas dominar os malgaches e estabelecer o seu protectorado, depois de uma guerra de alguns mezes e de varias expedições de tropas em numero superior a vinte mil homens sob o commando do general Dúchesne, mas o tempo não passou em vão e o partido da rainha malgache, conspirando sempre contra o dominio da França, manifestou-se ultimamente de modo mais perigoso, o que levou o general Gallieni, novo governador de Madagascar, a desterrar para a ilha da Reunião a rainha Ranavalo, que a deferencia da França pela soberana malgache, conservara ainda em Tanarive.

É natural o espirito de independencia dos malgaches, querendo reconquistar a sua liberdade e com ella toda a soberania da sua rainha, mas essa aspiração deu em resultado o desthronamento e o exilio de Ranavalo, que assim é victima da dedicação do seu povo.

A rainha malgache tem 35 annos de idade, pois nasceu em 1862, e fez-se acclamar com prejuizo de sua irmã mais velha, a quem competia o throno.

Ranavalo foi educada pelas irmãs de S. José de Cluny, que se supõe terem-na baptisado, entretanto a grande influencia do partido anglo-hova levou-a a abraçar o protestantismo, que é ali a religião actual do Estado.

Com uma educação um tanto europea, a rainha Ranavalo, tem grande predilecção pelas modas parisienses, usando *toilettes* á moda europea, as mais requintadas.

De resto passa a vida jogando as damas ou o loto, que n'estes casos assume as regalias de um jogo de principes, quando mais não seja de principes pardos.

ASCENSOR OURO-CARMO 1

O ascensor Ouro-Carmo, como indica o seu titulo, tem por fim vencer a differença de nivel entre a rua do Ouro e o largo do Carmo; estabelece cendo uma communicação rapida, commoda e economica, entre estas duas importantes zonas de movimento.

Os estudos preliminares para a escolha da melhor posição a dar ao ascensor, foram cuidadosamente effectuados; procedeu-se a levantamentos rigorosos, e determinou-se pelo conhecimento da carta da cidade, e conscienciosas verificações, toda a zona onde uma linha de projecto fosse possível; estabeleceram-se estas linhas de projecto e para cada uma fez-se estudo especial. Em cada caso não houve só que levar em conta as difficuldades technicas propriamente ditas; foi necessario tambem não perder de vista as que resultariam de innumerables exigencias, demoras, contrariedades que se levantam como legiões debaixo dos pés de quem quer que seja com instinctos de produzir alguma coisa de util; finalmente, depois de termos em todos os sentidos, retalhado a zona de operações com projectos possíveis, assentámos, como devendo reunir os melhores suffragios, o actual representado por duas projecções, dando a posição e apparencia do que desejamos construir, muito melhor do que poderíamos fazer com a nossa prosa descriptiva.

Proximo ao largo do Rocio, cruzando a rua Aurea, está a rua de Santa Justa, limitada entre a rua Aurea e a rua do Carmo pelas escadinhas de Santa Justa.

É n'um rasgo aberto nas escadinhas de Santa Justa, sensivelmente de nivel com a rua do Ouro que se encontrará a estação inferior do ascensor Ouro-Carmo.

Este ascensor é na essencia exactamente do systema do Municipio-Bibliotheca; compõe-se de duas torres metallicas conjugadas, formando um rectangulo de 3, 5 x 7, 5; o eixo maior d'este rectangulo coincide com o eixo das escadinhas de Santa Justa, e o lado menor fica paralelo á rua do Ouro, a pequena distancia d'esta rua.

Deduzindo o espaço occupado pelas torres, nas escadinhas de Santa Justa, fica d'um e outro lado espaço livre mais que sufficiente para o tran sito ordinario, e muito sufficiente em occasiões mesmo de ser este extraordinario.

Dentro de cada torre trabalha uma *cabine*, para o transporte de passageiros, cada *cabine* comportando 40 passageiros. As *cabines* estão ligadas entre si por um forte cabo de fio d'aço de 45 millimetros de diametro, tendo resistencia superior a 10 vezes a necessaria no maior serviço do ascensor. O cabo passa no extremo superior das torres, pela garganta d'uma grande roldana de 4 metros de diametro, e o seu comprimento está regulado de maneira que, encontrando-se uma *cabine* na estação superior, a sua conjugada, esteja na estação inferior. Assim o peso morto das *cabines* estará compensado, e a força motora exigivel será só a correspondente á differença dos pesos ascendentes e descendentes a transportar.

A differença de nivel entre o piso da estação inferior e o da superior é de 30 metros. Tanto n'uma como n'outra estação, as entradas e saídas são distinctas, de maneira que as correntes do movimento publico, em occasiões de aperto, se não contrariem. As portas de entrada estando situadas n'um dos lados maiores do rectangulo, as de saída estão no outro lado paralelo.

O motor empregado é a agua, actuando pela simples acção da gravidade. Por isso cada *cabine* está munida de recipientes, nos quaes se lança agua proveniente de reservatorios installados no cimo das torres. Na parte inferior das torres, a agua em excesso é vasada n'um tanque d'onde é levantada de novo para os reservatorios, no cimo das torres, por meio de bombas movidas por motores a gaz.

A posição de toda a installação motora, de pequena força (6 cavallos), fica em galeria abobadada, aberta por baixo das escadinhas de Santa Justa em prolongamento das torres. Todas as alvenarias são de excellente beton, formando a construcção completa uma peça inteira.

¹ Este artigo foi publicado na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, d'onde o transcrevemos com a devida venia.

O estudo dos meios de segurança, manobras, movimento, etc., das *cabines*, é exactamente o mesmo do ascensor Municipio Bibliotheca.

Da primeira galeria, no cimo da torre, que constitue a estação superior, o passageiro dirige-se para o largo do Carmo, em curto trajecto, sensivelmente horizontal, atravessando primeiramente uma ponte, e em seguida, passando por cima do telhado (que se transformará em terraço) d'um predio do ex.^{mo} sr. Conde de Thomar;

tres processos) construir a ponte como duas *consolas* ligadas pelo meio: este meio articula-se a um pilar oscillante, articulado tambem na sua base, na embocadura das escadinhas de Santa Justa com a rua do Carmo; um dos braços da *ponte consola* está articulado com a torre, o outro communica com o predio do ex.^{mo} sr. Conde de Thomar, mas sem lhe tocar, ficando em falso (*porte à faucre*). Os dois braços da ponte equilibram-se, e as reacções sobre o pilar oscillante

Entre os amigos dedicados, na epoca dos sacrificios necessarios, para mais tarde vermos realiado o importante ascensor Ouro-Carmo, devemos especialisar o nosso bom amigo Antonio dos Santos Pereira Beirão, que nos prestou até aos limites do sacrificio a mais desvelada ajuda, e o dr. João Maria Corrêa Ayres de Campos, de quem já fallámos descrevendo o ascensor Municipio-Bibliotheca, que não hesita em concorrer para que seja considerada uma realidade o ascensor



GRÃO A GRÃO — QUADRO DE WARTMULLER

sahirá no largo do Carmo, pelo portão de ferro situado entre o actual lyceu e o museu archeologico.

Posto que nada tenha de extraordinario, mas como sendo novidade entre nós, diremos algumas palavras sobre a ponte e seus supportes. O estudo da ponte obedeceu á necessidade de não se querer considerar como ponto de apoio do extremo da ponte, parte alguma do predio do ex.^{mo} sr. conde de Thomar; e ao mesmo tempo, de não estabelecer construcção metallica alguma encostada no dito predio, para pilar de supporte do mesmo extremo.

N'estas conjuncturas lembrou-nos (entre ou-

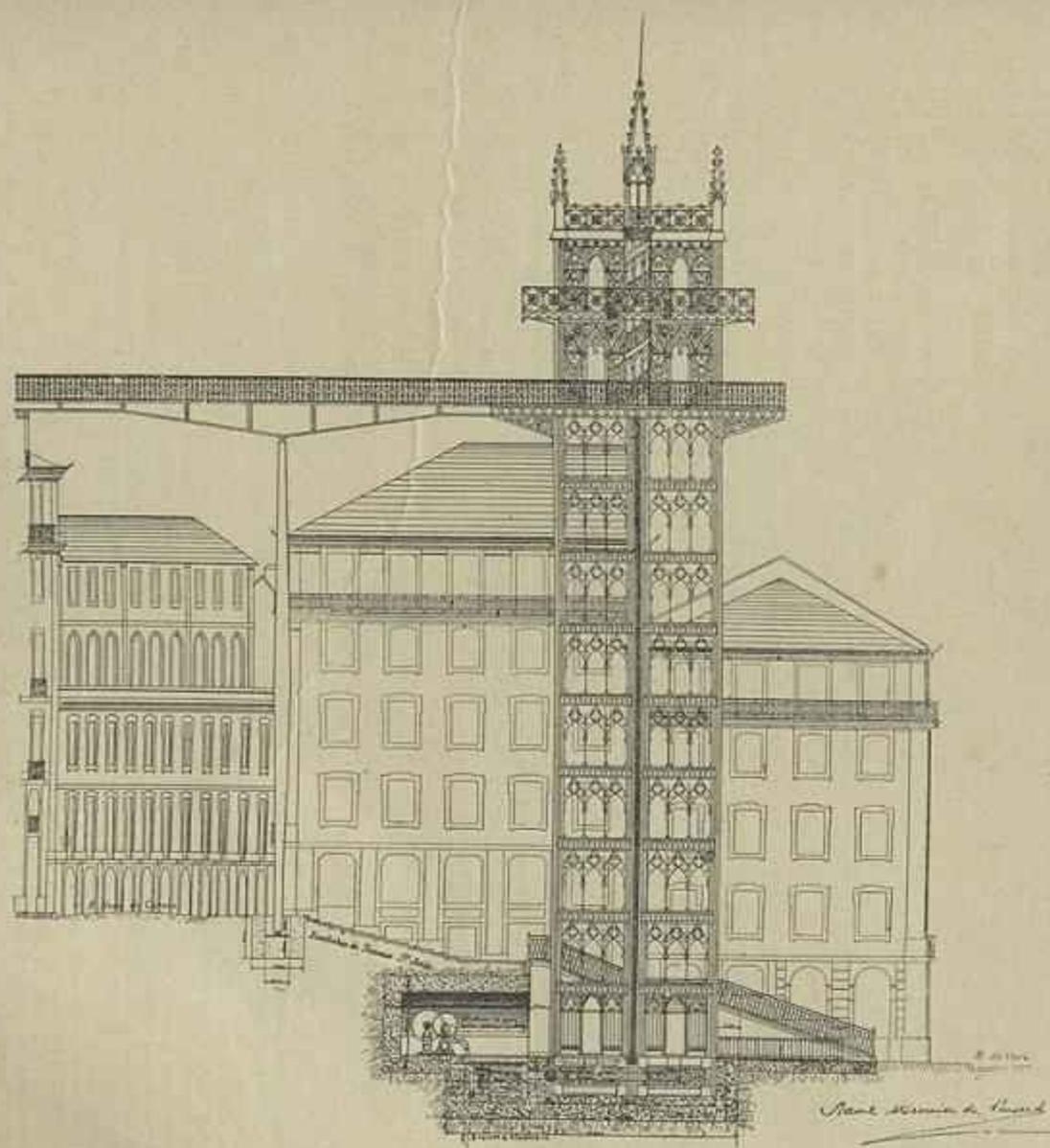
passam pelo eixo d'este cujas condições de estabilidade estão, é claro, (como de resto toda a construcção), determinada pelas regras fundamentaes da resistencia dos materiaes, de maneira a offerecer identicas ou maiores garantias de segurança do que qualquer outro producto da sagacidade humana, em materia de construcções: Os tres eixos de articulação são parallelos e as dilatações effectuam-se sem contrariedades.

Temos em resumo condensado as bases geraes da existencia technica d'um trabalho que muito occupou a nossa actividade e atravessou tambem largos periodos de desgostos e desanimos.

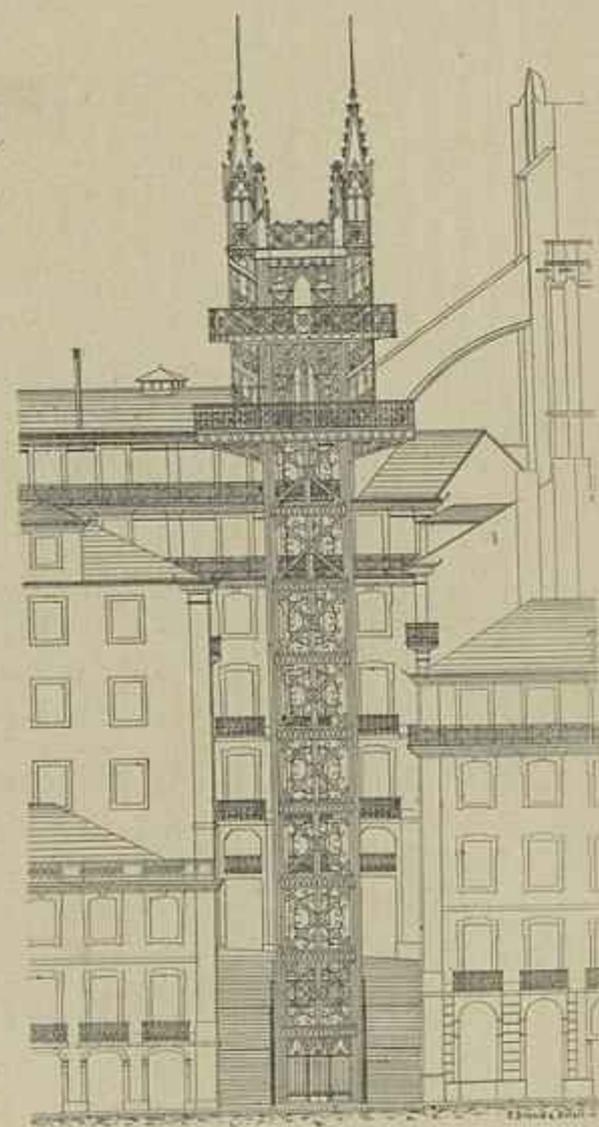
Ouro-Carmo, logo que encontre, como é de esperar, um justo e leal apoio da parte dos poderes que legitimamente ajudem as manifestações utilitarias e de progresso para honra e proveito do trabalho e da industria nacional.

Raul Mesnier de Ponsard.





VISTA LATERAL



VISTA DE FRENTE

O ASCENSOR OURO-CARMO, EM LISBOA

MIGALHAS DE HISTORIA

V

ORIGENS DO THEATRO PORTUGUEZ

Hoje, ninguém medianamente instruído ignora que as diversas manifestações do espirito, não surtem de chofre, mas procedem por uma certa progressão, até que um genio superior, concentrando em si a essencia das produções anteriores, dá vida, corpo, e luz a uma nova produção, que é a obra prima que o ha de immortalisar, e que synthetisa o espirito nacional.

Os poemas homericos, a obra d'Eschylo, a Eneida, as Metamorphoses, os Eddas, os Lusíadas, são a demonstração do principio. Gil Vicente não podia deixar de ser mais outra demonstração.

Como sabemos a sua primeira obra dramatica, que é apenas um monologo, foi inspirada litterariamente, pelas eglogas de Juan del Encina, muito lidas e apreciadas entre nós. As relações litterarias e artisticas eram muito estreitas e continuadas entre Hespanha e Portugal nos xv, e xvi seculos. Os enlacs repetidos entre as familias reaes portugueza e castelhana eram taes, que quasi ellas se podiam considerar uma unica familia. Nobres, poetas, artistas, artifices encontravam-se nos sequitos das princezas que vinham maridar-se a Portugal, outros seguiam as que d'este paiz iam enlazar-se na casa real castelhana. Apesar das guerras d'Africa e do Oriente, a actividade artistica do nosso paiz era maior do que vulgarmente se julga.

Ora quasi desde o principio da monarchia achamos referencias a manifestações que se relacionam com o theatro. De que constaria o *Arremedillo* a que os *Mimi* (mimos mimicos, contra fazedores de figuras, como traduz Luiz Cardoso no seu Dictionario Bonamis e seu sobrinho Acompaniado, se obrigaram para com D. Sancho I pela robora da doação do casal que na villa de Canelas lhe foi marcado por Pero Mendes? Poucas memorias restam d'esses tempos recuados, e porém facil de reconhecer pelo nome do principal doado que era francez. Esses jograes, atrajiam provavelmente outros, e com certeza, como é proprio da natureza humana, haviam provocar imitadores.

A subida ao throno de Affonso III depois de ter habitado a França e ter tido a sua corte contal em Bolonha por muitos annos, havia de atrahir por ventura outros jograes.

Como se sabe D. Pedro I, era louco pela dança e quando era recebido pelo seu bom povo de Lisboa, ao som das suas lamosas trompas de prata, misturava-se com os populares em suas danças, e assim ia até ao paço. Não faltariam arremedillos, para distrair a alterada razão do real *choragus* depois que lhe roubaram a formosissima Ignez, a adorada esposa da sua alma.

Nas procissões iam as judengas, com as suas touças, a mourisca, as serpes, e muitas outras figuras, formando mimicas.

No paço as festividades reaes, eram completadas por varios momos, em que tomavam parte fidalgos e até o proprio rei, como no casamento do infeliz D. Affonso, filho de D. João II, segundo descreve Garcia de Rezende. E que prodigios de machinismo se não obrariam para os espectaculos d'aquellas extraordinarias festas?

O que se passava nos paços reaes ou dos grandes senhores, devia produzir-se, em muito menor escala sim, por entre o povo. Por isso não faltariam entre os povos os *contrafazedores de figuras*, que não se limitariam apenas a contrafazer os gestos e modos, mas ajudariam as suas *graças*, como lhes chamavam, com a expressão fallada ou cantada.

Se é verdade que as festas de Baccho concorreram para a criação do theatro grego, não é menos notavel que os *gracejadores* portuguezes, tomassem principalmente os seus assumptos das praticas do culto. As corporações religiosas, com as suas, muitas vezes, illicitas relações eram um dos motivos mais ordinarios dos seus momos.

Gil Vicente, em plena posse do seu talento e da sua arte, apresentára sobre o tablado, as scenas apenas esboçadas pelos dizidores ou gracejadores populares. Todas estas reflexões e muitas outras que por brevidade ommitto me haviam occorrido quando ha cerca de dezeseis annos, encontrei na chancellaria de D. João II o curioso documento que vae ler-se e que eu reservava para publicar, quando desse á estampa os meus apontamentos relativos a Gil Vicente, mas que resolvi fazel-o desde já.

Dom Joham etc. saude que sabede Rodrigo Aluarez escollar em artes morador em situall nos enujoy di-

zer que poderja ora aver huū anno pouco mais ou menos que elle fora presso em dita villa e fora do caso por que era presso laure per sentença E que em sendo assy presso por españar e por lhe o carcereiro dar allguū favor elle sopricante se despoyna a fazer allguūis graças. S. preegava como ho gylhyano e arremedina judeus em maneira de capellão e araby e dezya dalhe dolhe e que respondia o juiz e tabalhães e alcaide em são de missa e que dezia huūa paizom de hum frade e de huma freira e hum verendio de hum crerigo que roubarom em huū caminho e se acabava em huūa roze bebamos, todo cantado per são de missa e que sobre ysto bebiam sobre cidram e nom faziam outra gramonia desonesta e que depois que solto fora elle fora huūa noite dormir a santa maria danuciada a rogo dos sobreditos (quaes?) e que elle por lhes comprazer e folgarem todos fezera as coussas suso ditas per a dita maneira e que por assy fazer as ditas coussas lhe era dito que o queriam prender dizendose contra elle que ofendija em as semelhantes coussas dizer o auto devino e por ello andava amoorado com truar das nossas justicas e porrem nos pedia por merce que aa honrra da morte e paizom de nosso senhor Jhuū x^o lhe perdoassemos a nossa justica se nos a ella por assy fazer as ditas coussas em alguma guissa era theudo e nós veendo o que nos elle assy dezer e pedir enuion e querendolhe fazer gracia e mercee aa honrra da morte e paizom de nosso senhor Jhuū x^o termos por bem e perdamoslho a nossa justica a que nos elle por assy fazer aquelles escarnios e despreços aa santa madre ygreja e devinos offetos era theudo com tanto que elle pagasse pera a pidade dois mil reaes ou fosse a arzilla estar huū anno qual antes quizesse e por quanto elle antes apton a paga dos ditos dinheiros e os entregou a frey Joham de Santarem nosso esmolter que tem corrego de os receber sequido dello fomos certo per huū seu assinado e per outro de pero de borba escrupiam em nossa corte que as sobre elle pos em recepto vos mandamos etc dada em uiana da par daluto xx ij dias do mes dabrill el rrei ho mandou per os doutores Joham teixeira e Fernão Roiz ambox dessembargadores do paço pero alluarez a fez de mitte iij Lxxx ij.

Arch. nac. da T. do T. Liv.^o II de D. João 2.^o f. 8o.

Como se vê Rodrigo Alvares, escolar era um dos bohemios d'aquelle tempo, precursor do chorado Hilario. Exibia as suas graças, quasi sempre em tom de cantochão. Os cargos publicos como o juiz, escrivão e meirinho prestavam-lhe um bom contingente, como hoje prestam ás revistas do anno. Como em quasi todas as terras principaes havia a *judaria* e portanto a respectiva *esnoga*, não escapavam o capellão e Raby e as suas praticas. Os ecclesiasticos ministravam largos motivos á sua veia humoristica. Assim imitava algum religioso italiano, então conhecido, cuja pronuncia, provavelmente, como hoje succede, se prestava ao gracejo. Devia ser excitante da hilaridade a paixão de um frade e uma freira, naturalmente salmeada, e o clerigo a expor o roubo que lhe fizeram n'um caminho, na magestosa entonação do *Prefacio Vere dignum*, devia ser soberba.

Ainda me recordo d'uma coisa d'estas na toada quasi do *de missa est*, que se dizia: um b e um a, b...a...ba; um b e um é b...é...bé etc, e outra o frade que amigo era (ter) amigo da irmãinha, etc.

O que se vê é que se Gil Vicente recebeu alguma inspiração do exterior, deu corpo e vida ao que já se exhibia no paiz n'estes *arremedillos, momos e graças*.

Brilo Rebello.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCORRIDOR DAS FILIPPINAS

IX

(Continuado do n.º 655)

A confiança que Fernão de Magalhães conseguiu inspirar ao rei de Castella, a todos que concorreram para a realisação da sua viagem e até aos proprios que o acompanharam, não permaneceu firme, depois d'aquelles seis mezes decorridos sem resultado obtido.

Parece fóra de duvida, que o unico ver-

dadeiro crente na empreza era Magalhães, o que não admira porque era elle quem melhor conhecia o plano tantos annos acaraciado na mente.

Os que o acompanhavam não tinham decerto a mesma força de espirito que elle, o bastante para lhe esfriar o enthusiasmo, para lhe quebrar o animo. Foi assim que, chegados áquelle ponto, sem terem alcançado o termo desejado, entenderam por melhor desestir, reclamando de Magalhães que, ou alargasse as razões que tinham sido cerseadas, ou voltasse para Castella.

Fernão de Magalhães, porém, não era homem que se acobardasse com aquella imposição, e protestou que iria até ao fim embora sacrificasse a sua vida no cumprimento do dever.

Entretanto os capitães das caravellas não se conformaram com aquella resolução, e muito particularmente Gaspar de Quesada, commandante da *Conceição*, o qual concebeu um plano de revolta contra o chefe da esquadrilla.

Pela noite, quando a escuridão mal deixava distinguir as embarcações dispersas no porto de S. Julião, uma lancha largou de bordo da *Conceição*; ia n'ella Quesada com trinta homens armados dispostos a dar assalto á caravella *Santo Antonio*. Os marinheiros remavam mansamente fazendo o menor ruido possivel, para não despertarem a attenção de alguém que os podesse ouvir dos outros navios.

Gaspar de Quesada soltara João de Cartagena (1) que levava preso a bordo, o qual ficou á testa da caravella. O seu plano era apoderar-se da caravella *Santo Antonio*, prender o commandante Alvaro de Mesquita e com a força d'estes dois navios reduzir os outros á sua obediencia até á *Trindade*, impondo-se assim a Fernão de Magalhães, a quem queria obrigar a tratar com mais consideração os capitães e pilotos da esquadrilla.

Não foi difficil o assalto: as poucas sentinellas da *Conceição* foram tomadas de surpresa emquanto Quesada com meia duzia dos seus homens, se dirigiu ao alojamento de Alvaro de Mesquita para o prender. Entretanto o mestre João Elorriaga déra pelos assaltantes e correndo em soccorro do seu commandante, travou uma sangrenta lucta em que ficou ferido. Quesada vibrou lhe quatro valentes punhaladas n'um braço que o prostraram, conseguindo por fim pôr a ferros Alvaro de Mesquita e arvorar-se elle cammandante da *Santo Antonio*.

Luiz de Mendonça ia feito com Quesada, pelo que os revoltosos tinham tres navios, achando-se em maioria para imporem a lei a Magalhães, que áquelle hora dormia, ainda que talvez pouco tranquillamente, na sua caravella *Trindade*.

(1) *Vida e Viagens de Fernão de Magalhães*, por Diego Barros Arana.

De manhã é que Magalhães soube da sublevação dos tres capitães porque logo da *Victoria* sahiu uma lancha com um emissario, que veio notificar ao chefe da esquadilha a resolução em que estavam, de não continuarem a ser tratados como até ali, de obedecerem cegamente ás ordens d'elle, mas sem resolverem tudo de commum accordo.

Isto que á primeira vista pôde parecer justo, não o seria nas circumstancias que se davam, porque importava o malogro da empreza de Magalhães. Os revoltosos não queriam continuar a viagem que tinham por temeraria, descrendo de encontrar a passagem para o mar do sul, emquanto que Fernão de Magalhães pensava exactamente o contrario, e d'este modo era-lhe impossivel transigir, tornando-se imperioso apellar para toda a sua auctoridade, empregando a força para submeter os que assim lhe faltavam á obediencia.

A força, porém, do chefe achava-se reduzida e em minoria, mas a inferioridade numerica nunca acobardou espiritos fortes e da estatura moral de Fernão de Magalhães, que nascera, sem duvida, para dominar e não para ser dominado.

Era arriscada a empreza; tanto mais razão para não recuar. Se os seus capitães vallessem tanto como elle não recuariam como elle não recuava perante os perigos. Logo a superioridade de Magalhães era evidente e de molde a não se intimidar com a attitude dos revoltosos.

Magalhães respondeu á notificação que lhe fizeram, ordenando que viessem a bordo da *Trindade* conferenciar com elle os tres chefes da revolta. Esta ordem, porém, não foi obedecida, tendo em resposta, que viesse Magalhães a bordo da *Santo Antonio*, onde todos se reuniriam para resolver.

Não havia que hezitar. Estava lançada a luva, e Fernão de Magalhães nem sequer pastenejou para a levantar. Fez tambem o seu plano para dar o golpe decisivo.

O alguasil Gonçalo Gomes de Espinoza era homem valente e decidido; pois iria elle e mais, seis homens de confiança a bordo da *Victoria* levar a ordem para Luiz de Mendonça se apresentar immediatamente no navio do chefe.

Levava instrucções particulares que haviam de premitir bom exito d'esta vez.

Espinoza acercou-se com a sua chalupa da *Victoria* e saltando no navio logo veio o commandante a quem elle entregou a ordem que levava. Luiz de Mendonça leu essa ordem, não sem occultar a desconfiança que lhe inspirava, mas emquanto a lia meditando sobre a resposta a dar, Espinoza tirou de um punhal que levava escondido e com elle lhe atravessou o pescoço. Luiz de Mendonça baqueou e um outro golpe descarregado na cabeça por um dos companheiros de Espinoza, deixou-o completamente morto sobre a tolda.

Ao mesmo tempo que se dava esta scena tragica atracava á *Victoria* outra chalupa em que vinha Duarte Barboza com mais quinze homens armados, que Magalhães mandava, como prevenção para assegurar o triumpho dos que se tinham ido expôr a uma lucta desigual com a gente d'aquelle navio.

Não foi, felizmente, preciso derramar mais sangue, pelo que diz Lopez de Recalde, na carta escripta á vista do processo que se instruiu em Sevilha em 1521, e que Herrera refere. Morto o commandante, a tripulação submetteu-se sem resistencia, e no mastro da *Victoria* foi içada a bandeira do triumpho.

Restava submeter Cartagena e Quesada, mas a sorte de Luis de Mendonça influuiu tanto no espirito dos dois capitães, que lhes quebrou o animo para tentarem desforra, em presença da firmeza do chefe.

Limitaram-se a procurar retirar para Castella; mas nem isso conseguiram, porque as tres caravellas que estavam fieis a Magalhães, foram, por ordem d'este, fundear na entrada do porto, tirando aos revoltosos a esperanza de poderem sahir com os seus navios sem experimentarem a artilheria dos contrarios.

Concertaram então outro plano.

Quesada tinha, como ficou dito, preso a bordo Alvaro de Mesquita, que era primo co-irmão de Magalhães, e pensou de o soltar para servir de mediano entre elle e o chefe da esquadilha, afim de obter uma capitulação favoravel.

Alvaro de Mesquita, porém, logo desenganou Quesada, de que seu primo não transigiria; conhecia-o bem para esperar o contrario e toda a tentativa de conciliação seria completamente inutil.

Assim descorsoados os dois capitães revoltosos, apellaram então para a retirada, projectando novamente sahir do porto n'aquella noite, pondo na proa de um dos navios o Mesquita, para d'ali parlamentar com Magalhães, segundo diz Herrera.

(Continúa).

CAETANO ALBERTO.

O NARIZ DO TABELLIÃO

POE E. ABOUT

VII

HISTORIA D'UNS OCULOS E CONSEQUENCIAS DE UN DEFLUXO

Chá é fartura! disse com ar de desprezo. Para isso nem baliá apena chacárem me la da rua de Chébres: ganhava tres francos e mais dez choldos por dia, e inté poupava dinheiro para mandar á familia.

Deixe-m'ir oitra vez trabalhar lá pr'ós espêlhos, ou atão dem'os mesmos tres francos com mais dez choldos!

Não houve remedio senão estar pelos ajustes; o homemzinho fez-se forte, não quiz descer da burra.

Messer L'Ambert não tardou em perceber que adoptára o melhor alvitre. Passou-se o anno sem accidente de qualquer especie. Pagavam ao Ro-

magné todas as semanas e espreitavam-n'o todos os dias. Vivia honradamente, no ripanço, a sua paixão unica era jogar o chinquillo.

E os lindos olhos de mademoiselle Irma Steinburg detinham-se com visivel complascencia sobre o nariz niveo e rosado do tão ditoso tabellião.

Dansaram juntos, aquelles dois entes juvenis os cotillons todos, durante o inverno. Mas tambem, toda a gente os dava já como casados: Uma noite á sahida do Theatro-Italiano, no peristyle, o venerando marquez de Villemaurin deteve a L'Ambert:

— Então, perguntou, para quando é o casorio?

— Mas, senhor marquez, eu nem sequer ouvi falar em tal!

— Está á espera que o venham pedir em casamento? — E ao homem, a quem cumpre falar, co'a breca!

O duquezito de Lignant, fidalgo dos quatro costados, não esperou que eu lhe offerecesse a minha filha — olha quem! — Veio, agradou, e está prompto! D'aqui a oito dias, assigna-se o contracto. Já sabe o amigo que o negocio é consi-go. Deixe me metter estas senhoras na carruagem e vamos até ao círculo, de caváco. — Então! põna o chapéu! não reparei que estava com elle na mão! — Já tem tempo de ter agarrado umas poucas de constipações! —

O ancião e o mancebo caminharam ambos, a pâr, até ao boulevard; fallava um, e o outro escutava-o. E L'Ambert foi para casa redigir de memoria a escriptura de casamento de mademoiselle Carlota Augusta de Villemaurin. — Mas o peor, é que tinha agarrado uma constipação; esse é que era o caso! O rascunho foi redigido pelo primeiro escripturario, revisto pelos respectivos administradores dos noivos e passado a limpo em bello caderno de papel sellado, ao qual só faltavam as assignaturas.

No dia aprazado, Messer L'Ambert, escravo do seu dever, foi em pessoa ao palacio dos Villemaurins, apesar de teimoso defluxo que parecia querer fazer-lhe saltar os olhos fora. Assou-se ainda uma vez, na sala de espera, e os lacaios estremeceram nos bancos respectivos, como se ouvido tivessem a tuba do juizo final.

— Annunciarum messer L'Ambert. Trazia os seus olhos de oiro e sorria com gravidade, conforme cumpre em taes circumstancias.

Optimamente engravatado, as luvas esticadinhas, o pé entalado no chapim de verniz, qual bailarino; o chapéu de pasta sobraçado; e, na mão direita, a escriptura, veio render preito á marquez, atravessou modestamente o círculo que a rodeava e, curvando-se em presença d'ella, disse:

— Chinhora, marquêja — chaiba que trago aqui a escriptura da chua menina.

Madame de Villemaurin ergueu para o tabellião os olhos espantados. Ouviu-se, por todo o auditorio, um sussurro. Messer L'Ambert fez nova mesura e proseguiu:

— O chéntes! — Ichto é que bae ser dia taludo la pr'á chua menina, chinhora marquêja.

Mão rija e possante travou-lhe do braço esquerdo e obrigou a rodopiar em rapida pirueta. Semelhante pantomima deu-lhe a conhecer o pulso do marquez.

— Presadissimo senhor tabellião; observou-lhe o propecto marquez, arrastando-o para um canto; no carnaval tolera-se muita coisa; lembre-se, porém, d'onde está, e mude de términos, se faz favor!

— Mas atão! o chinhor marquez!

— Mau!... Sou paciente, bem vê; mas não abuse! Vá apresentar as devidas desculpas á marquez, leia o contracto e... boas noites.

— Abujar!... aprejentar desculpas!... Quem oubir hade dizer que fiz tolche!... Captiva!

O marquez não respondeu, fez apenas um signal aos criados que giravam pela sala. Abriu-se a porta principal, e ouviu-se uma voz exclamar, na sala d'entrada:

— A carruagem de Mr. L'Ambert!

Aturdido, azabumbado, fora de si, o pobre milionario sahiu, desfazendo-se em cortezias e, em breve, viu-se dentro da carruagem, sem saber porque, nem porque não. Dava palmadas na testa, arrancava os cabellos, ferrava beliscões nas polpas dos braços, para se acordar, na hypothese, aliás provavel, de estar sendo victima d'um qualquer pesadello. Mas não! dormir, não dormia; distinguia as horas, no relógio, lia o nome das ruas á luz do gaz, conhecia os letreiros das lojas! Que teria elle dito? — que teria feito? em que é que transgredira as regras da boa cortezia? que acto desastrado, ou que sandice lhe haveriam granjeado semelhante tratamento! Porque, emfim, não havia que duvidar: fora litteralmente expulso de casa do marquez. Mas elle trazia ali a escriptura do casamento! Esse contracto, redigido com tanto esmero, em estylo de tal primor, e cuja leitura lhe não fora dado ouvir!

Deu entrada no pateo da propria residencia, e ainda o problema estava á espera da soluçãõ. A cara do porteiro inspirou-lhe ideia luminosa.

— *Chin guet!* vociferou.

O diminuto e magro Singuet, correu ao chamado.

— *Chin guet*, dou-te *chem* francos se me *diches* a verdade, *chem* rebucho! — e *xem* pontapés no *achento*, *che* me incubrires alguma coisa!

Olhou Singuet para elle muito espantado, e tímido, sorriu.

— Atão tu ris-te — pedacho de maquina! — dejalmado! — atão tu ris-te: e de quê? — Responde *chá, chá*, anda!

— Valha-me Deus, patrão! replicou o pobre diabo; foi sem querer, desculpe — mas, a falar a verdade, o senhor arremeda tão bem a fala ao Romagné!

— *Echa* agora! Atão eu falo com'o Romagné?

— pareço um obernhez?

— O senhor está a mangar commigo. E haverá já oito dias que lhe deu para ahí.

— Que diges, home! num dei por icho! Dialho!

Singuet pôz os olhos em alvo. Entrou a pensar que o patrão estava doido. Messer L'Ambert, porém, a não ser o maldicto vicio de pronuncia, estava em uso pleno de suas faculdades normaes. Interrogou, successivamente, toda a creadagem, e ficou convencido da propria desgraça.

— Aquelle mijerabel d'aquelle agua-deiro! exclamou! fez por ahí alguma toliche! Tão cherto! Bão ber-se o topam! — Mas não, deixem lá, qu'eu é que le bou pregar uma boa chacudidela!

Galgou a pé até á morada do seu pensionista; marinhoou ao quinto andar; fartou-se de bater, sem que o acordasse, e não vendo más nem boas, metteu a porta dentro.

— Ai o Ghinhor L'Ambert, exclamou o Romagné.

— Pedácho de O'bernhez! Grande desabergonhado! vociferou o tabellião.

— Dialho!

— Dialho!

Pareciam apostados a qual deixaria mais escorchada a lingua franceza. Prolongou-se a discussão um bom quarto de hora, na mais genuina algaravia; e o mysterio por esclarecer. Queixa-va-se um amargamente — julgava-se victima; defendia-se o outro, eloquente, protestando innocencia.

— Espera por mim aqui, num te mexas! disse, em conclusão, Messer L'Ambert. O chinhor Bernier, meu medico, hoche mesmo, á noite, é que m'hade dizer o que tu fizeste?

Foi acordar o doutor Bernier e contou-lhe, no tal estylosinho que já conhecem, como é que tinha aproveitado a tarde. O doctor, pegou a rir e retorquiu:

— Que barulho por semelhante bagatella! O Romagné está innocente: e o senhor, se tem rasão de queixa d'aiguem, é de si proprio, creia. Esteve um pedaco sem chapéu, á sabida da Opera Italiana: e d'alí é que provém o mal todo. — Apanhou um deluxo, e está, portanto, fanhoso; e consequentemente, falla Auvernhez. E' logico. Vá pr'a casa, aspirar aconito, embrulhe os pes muito bem, abafe a cabeça e adopte as precauções usuaes contra o coryza; que o seu nariz já deve saber como ellas mordem.

Voltou o infeliz para casa, a praguejar que nem um damnado.

— Ora a minha vida! dizia em voz alta, num adiantam nada as precauções! Por más que eu dê caja, meja, aquelle mostrengo d'aquelle cha-boiano — que o traga chempre de bigia, num deixa de me fazer partida, e hei de cher victima d'aquelle malandrim chem poder abrir a bocca para o acujar! Mas para que cherbe atão tanta despêja? — Está dito, num quero chaber de contos! Pacho a economijar a mejada!

Se bem o disse, melhor o fez. Ao outro dia, quando o pobre do Romagné, ainda todo atrapalhado, vinha para receber o dinheiro da semana, o Singuet pôl-o a andar e declarou-lhe que já ninguém queria saber d'elle para nada. Com assaz de philosophia, encolheu os hombros, como quem, sem ter lido as epistolas de Horacio, põe em pratica, por instincto, o *Nil admirari*. O Singuet, que lhe queria bem, perguntou-lhe o que tencionava fazer á sua vida. Respondeu que ia procurar trabalho. Porque, a fallar verdade, a forçada ociosidade ha muito tempo que já lhe estava sendo pesada.

Sarou messer L'Ambert do ataque de coryza, satisfeito por ter riscado do orçamento a verba Romagné. Accidente de especie alguma veio quebrar o fio ao seu ditoso ripanso. Fez as pazes com o marquez de Villemaurin e com a clientella toda do bairro aristocratico, até ali um tanto escandalizada com elle. Livre de cuidados, pôde desde então entregar-se de todo á doce propensão que o attrahia para o dote de mademoiselle Steinburg. Ditoso L'Ambert! Escancarou, de par-em-par, os portões ao coração e patenteou os castos e legitimos sentimentos que o abarrotavam. A formosa quanto erudita memina estendeu-lhe a mão, á inglexa, e disse:

— É negocio ultimado! Meus paes e eu estamos de accôrdo; receberá instrucções minhas com respeito ao enxoval. Vamos a ver se abreviamos as formalidades e se podemos ir até á Italia antes do fim do inverno.

O amor emprestou-lhe azas. Comprou, sem regatear, todo o enxoval, entregou aos estofadores os aposentos de *madame*, encomendou carruagem nova, escolheu uma parelha d'alazões da mais rara formosura, e apressou a publicação dos preções. O jantar de despedida que offereceu aos amigos ficou memorado nos annaes do Café Inglez. — As amantes receberam despedidas e pul-

a todos no olho da rua como a pêros, se tal nariz não apparecesse. Ameaças vãs! O nariz estava tão difficil de encontrar que nem a Camara de 1816!

(Continúa)

Pin-Sél.



Recebemos e agradecemos:

As *Peninsulares* por J. Simões Dias; professor do Lyceu Central de Lisboa. O MUNDO INTERIOR (quarta edição) Lisboa: Typographia Lucas. Lisboa 1896.

Temos demorado a noticia do formosissimo volume I de poesias *As Peninsulares*, porquanto desejavamos acompanhar as mal alinhavadas phrases que houvessemos de escrever, do retrato do mavioso poeta, justa homenagem, a que só hoje podemos dar cumprimento. Em logar competente, penna auctorizada rende tributo de admiração ao conceituado professor e harmonioso poeta, cujos bellos versos, suscitados hoje novamente por mais uma edição, trazem todo o perfume da mocidade, porque com elles nos embalarão o berço e aos dezoito annos os escreveu Simões Dias.

Noticiando aqui, embora tardiamente, a apparição de este I volume da *Collecção de obras poeticas* do sr. Simões Dias, corre-nos o dever de agradecer vivamente a penhorante offerta que o illustre auctor fez ao proprietario de este periodico de algumas outras obras suas, muito apreciaveis, taes como: *Os contos em prosa* e *A Instrucção Secundaria*.

As *Peninsulares*, comprehendem as seguintes partes:

I O mundo interior, II Poemas lyricos, III A hostia d'ouro, IV O livro das canções, V O livro das ruinas.

Todas ellas contam bastantes edições e isto revela perfeitamente o valor de tal *Collecção de obras poeticas* uma das que em portuguez maiores encomios tem merecido.

A bibliographia de Simões Dias é crescida e cada novo volume que produz é mais um titulo de apreço e jus á consideração superior do nosso meio litterario.

Noticias de Portugal publicação illustrada 1.º anno, n.º 134.

Temos recebido esta nova publicação cujo 1.º numero sahio em 12 de setembro de 1895. E' illustrada com delicadas vinhetas, inserindo gravuras e photographuras de logares pittorescos de Portugal, e artigos bastante interessantes, acompanhados de copiosas noticias de todo o paiz.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras
retratos dos heroes da campanha, vistas de terras
d'Africa, combates, etc

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 39



A RAINHA DESTHRONADA
DE MADAGASCAR

seiras com subjugada commoção.

As participações annunciavam que a benção nupcial seria celebrada em S. Thomaz de Aquino, a 13 de março e a hora marcada. Escusado será acrescentar que se dispunha do altar-mór e de todo o espalhafato inherente aos casamentos de primeira ordem.

No dia 3 de Março, ás 8 horas da manhã, Messer L'Ambert accordou a sua pessoa, sorriu-se para os primeiros raios do formosissimo dia, tirou um lenço debaixo do travesseiro, levou-o ao nariz, no intuito de desempoeirar as ideias. Mas que é d'elle o nariz? ... O lenço de fina cambraia encontrou apenas o vacuo!

N'um pulo, eis o nosso tabellião frente a frente com o espelho. Horror e maldição! (Tal qual se diz em romances da velha escola) viu-se tão desfigurado como n'aquelle dia, ao voltar de Parthenay.

Correr até á cama, revolver lenções e cobertores, rebuscar o intervalo entre o leito e a parede, apalpar o colção e enxérgoes; sacudir os moveis mais proximos e virar o quarto todo de baixo para cima, foi negocio para dois minutos.

Nada! nada! pela palavra nada!

Pendurado nos cordões das campainhas, chamou o pessoal todo a rebato. E jurou que punha